



## **A necessidade da adaptação e inclusão de jovens com deficiência visual na sala de aula e do direito à educação. Caso da Faculdade Maringá/PR.<sup>1</sup>**

Alexandra Fante Nishiyama<sup>2</sup>

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP.

### **RESUMO**

Neste trabalho relatamos o resultado de adaptação da disciplina de computação gráfica do curso de graduação em comunicação social – jornalismo e a inclusão de um aluno com deficiência visual nas atividades oferecidas por meio de recursos alternativos para e sobre como é possível a construção da cidadania, ao mudar a realidade de uma disciplina visual. A nova metodologia didática possibilitou que a dificuldade em não enxergar fosse substituída pelo entusiasmo, comprometimento e pela satisfação em conseguir fazer algo antes desconhecido e que o aluno pudesse ter projetos, sonhos e a possibilidade de uma futura profissão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidadania; Inclusão; Adaptação; Comprometimento.

Têm-se criticado muito o papel desempenhado pelas instituições de ensino e pelos professores, a evasão de alunos e a real necessidade de uma escola democrática, que faça a inclusão dos educandos, especiais ou não. Pessoas com deficiência física ou mental são excluídas das escolas e faculdades por dificuldade no acesso ou na aprendizagem.

Para atingir a plena inclusão social é necessário que as instituições tenham acessibilidade, materiais especiais, professores preparados e livros transcritos em Braille, por exemplo.

No caso da deficiência visual, as dificuldades começam desde a inserção da criança na educação básica, que engloba os 12 primeiros anos de estudos de um jovem (da primeira série do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio) até chegar a um nível superior de ensino, ou seja, a graduação.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, especialista em Comunicação e Educação pela Faculdade Cidade Verde e mestranda em Comunicação Comunitária e Cidadania pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: [alexandrafante@yahoo.com.br](mailto:alexandrafante@yahoo.com.br)



Uma educação de qualidade para a formação dos cidadãos deveria ser um direito obrigatório, plenamente assegurado pelo Estado. Infelizmente, a realidade é bem diferente, pois, em muitas instituições, os problemas vão desde a falta de condições estruturais mínimas, como acesso, biblioteca sem acervo transcrito em braille, laboratórios preparados também para alunos visuais; a falta de salas de aula com acessibilidade necessária e docentes que para terem um salário mínimo que garanta condições de vida digna, atuam em várias funções e diversos turnos de trabalho, atrapalhando o bom preparo das aulas. Também há falta de material bibliográfico específico de apoio para que possam pesquisar e melhorar os recursos pedagógicos das aulas.

Soma-se a isso, alunos especiais desmotivados para frequentar as aulas, inseridos em um sistema excludente que não vêem atitudes positivas e concretas de um futuro melhor, mesmo indo para a escola. A dificuldade em atender às condições mínimas de ensino somada às exigências de uma sociedade capitalista, veloz, que cria neles a necessidade de serem “iguais”, reflete na sua falta de perspectiva de futuro e, conseqüentemente, no seu desempenho escolar. São raros os exemplos de profissionais com deficiência visual bem sucedidos que venceram o desafio de concorrência no mercado e estão preparados para assumir tal função. Ao chegar nas instituições não adaptadas, com professores mal preparados e já cansados dos turnos de aula anteriores, com um conteúdo ministrado sem qualquer suporte eficaz, esse aluno, não encontra atrativo maior na escola, o que aumenta as estatísticas de evasão escolar. É preciso tornar a escola mais interessante e adaptada, para que nela, o aluno perceba os conteúdos de forma mais presente e que a assimile à na sua realidade. Para que ele perceba que seu empenho valha a pena.

Os educandos precisam sentir-se parte da escola, perceber que o conteúdo passado está sendo apropriado e que o participar das atividades propostas possa fazer diferença na vida futura.

### **Cidadania**

Há 200 anos foi criado o Braille por Louis Braille. Apesar deste bicentenário, as instituições de ensino não estão preparadas para atender a demanda de livros transcritos. Sabe-se que a dificuldade das editoras é grande. Pois é necessário um custo alto para a transcrição dos livros para o Braille, pois além dos caracteres, é preciso ilustrar



desenhos, mapas, simbologias e gráficos. Uma tarefa árdua, que talvez por atender uma fatia pequena da população, não resulte em lucro. A solução paliativa tem sido o lançamento de algumas obras no formato de livro oral.

Conforme observação de entrevista concedida ao site [www.agenciabrasil.gov.br](http://www.agenciabrasil.gov.br), Regina Caldeira, da Comissão Brasileira do Braille e da Comissão Latino-Americana para Difusão do Braille, comenta que há tecnologia, como softwares desenvolvidos para pessoas cegas e que esses instrumentos são eficazes, mas apenas auxiliam ou complementam a educação, e não devem substituir os livros transcritos em Braille.

O levantamento do Censo 2000 revela que no Brasil existam cerca de 148 mil cegos. Mas, complementar a esse número, 16 milhões de pessoas declararam ter pouca ou baixa visão.

Direito de ter acesso a livros, direito a poder frequentar a escola e aprender da mesma forma que todos. Isso é um direito do indivíduo e que o governo deve oferecer.

Esse é o primeiro caráter da cidadania, um conjunto de obrigações e privilégios concedidos por uma nação aos seus cidadãos, para que possam desenvolver-se e prosperar tanto individualmente como em sociedade.

Só existe a cidadania se houver a prática da reivindicação, da apropriação de espaços, da pugna para fazer valer os direitos do cidadão. Neste sentido, a prática da cidadania pode ser a estratégia, por excelência, para a construção de uma sociedade melhor. (COVRE, 1995, p.10).

Segundo PERUZZO (2001), o conceito de cidadania é guiado pela necessidade da sociedade e essa concepção que orienta a cidadania. Uma idéia está vinculada à outra, sociedade e cidadania.

O termo cidadão tornou-se através da passagem do tempo, um paralelo das expressões “direitos humanos” e direitos do cidadão”. Porém a aplicação dos direitos universais ao indivíduo não abrange o total das noções de cidadão como agente transformador da sua própria realidade.

Buscar e reivindicar espaços e materiais adequados significa automaticamente cidadania.

O caráter atual para a expressão ”cidadão” reflete aquele que busca a transformação do meio. Através da criação de uma consciência transformadora.



A conquista da cidadania significa a passagem de súditos para cidadãos, cujo arcabouço social requer o envolvimento das pessoas, condicionando-se seu status de cidadão à qualidade da participação (PERUZZO, 2001, p. 114).

A educação é a mola propulsora pela qual o indivíduo poderá transformar sua realidade, usando para isso o seu despertar como cidadão. Educação e cidadania estão intimamente ligadas, como dois processos que se constroem. O indivíduo recebe a educação que o faz despertar para cidadania, assim, poderá transformar seu próprio meio, e através desta transformação proporcionar a educação que foi recebida a outros, que passarão pelo mesmo processo.

Desta maneira, torna-se evidente a necessidade de saber explorar todas as possibilidades de ferramentas em prol da educação – mantendo-se focado na busca pela geração da consciência transformadora dos que atravessam esse processo.

Diante da realidade inédita, em ter na sala de aula um jovem com deficiência visual, disposto a cursar jornalismo, foi necessário buscar alternativas eficazes na descoberta de novas possibilidades de inclusão de uma disciplina visual, computação gráfica. Assim, a Faculdade Maringá consultou o aluno em questão e aprovou um projeto que permitisse que ele tivesse aulas em horário especial, individualmente. Foram traçadas metas para a mudança dessa realidade, revertendo a realidade para que o aluno pudesse ter prazer em frequentar as aulas, entender o conteúdo ministrado, resgatar sua auto-estima, desenvolvendo o pleno sentido de cidadania e ao mesmo fazendo a interação deste jovem com outros alunos.

No início de 2009, o educando foi submetido a técnica de experimento por meio de ações indicadas no projeto que possibilitasse seu pleno desenvolvimento na disciplina prática de computação gráfica.

Percebendo a difícil realidade de adaptação e a falta de preparo das instituições, é que buscamos nos moldar a este jovem, com atividades especiais complementares fora do horário das aulas.

Percebemos a necessidade de registrar a metodologia para que outras pessoas, professores e instituições possam ter como base este processo, no intuito de inovar, serem desafiados, se prepararem para a inclusão social de pessoas com deficiência visual em suas salas de aula.



Devido a relevância desse tema, para que seja um suporte teórico e para a formação profissional desse jovem, que percebemos a necessidade de registrar os exemplos que tiveram sucesso, a fim de sempre inovarmos e aceitar novos desafios, mesmo com as dificuldades que possam surgir.

Nossa pergunta baseava-se na eficácia dos processos metodológicos e do nível de absorção de conhecimento.

### **Maringá – Pr.**

Maringá foi fundada em 1947 pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Nesse ano houve uma intensa corrida imigratória devido suas terras, as mais ricas em qualidade de solo do mundo, chamadas Terras Roxas.

Hoje, o município tem 320 mil habitantes e é a terceira maior cidade do estado do Paraná. Foi considerada pelo programa Globo Repórter, da Rede Globo, exibido em 26/05/05 como a cidade mais segura do País.

Com uma área de 473.064.190 m<sup>2</sup>, a cidade está há 426 Km de Curitiba e a 674 Km de São Paulo.

O crescimento da cidade aconteceu com a chegada do trem e a expansão da cafeicultura. A colonização foi feita por portugueses, árabes, alemães, italianos, espanhóis e, principalmente por japoneses, que são o maior grupo de descendentes da região.

O setor de serviços é o que se destaca, seguidos pelo setor industrial e agropecuário. Segundo o Codem (Conselho de Desenvolvimento de Maringá), a cidade é um dos mais importantes centros de comercialização de produtos agrícolas e de distribuição de produtos industrializados para todo o estado e fora dele.

Segundo a publicação da Revista Época, de número 359, a cidade de Maringá foi eleita com um alto índice de qualidade de vida e classificada em 67º lugar no ranking do índice de desenvolvimento humano.

O total de 100% dos domicílios tem água encanada, luz elétrica, serviço de coleta de lixo e 64% dos imóveis residenciais existentes são próprios.

Considerada um pólo de estudos, são 28 mil universitários, divididos nas sete faculdades particulares e em uma pública, a UEM (Universidade Estadual de Maringá).



A estatística do Codem<sup>3</sup> demonstra que 16,1% da população têm entre 8 e 10 anos de escolaridade, 24,69% de 11 a 14 anos e 11,77% possui 15 anos ou mais de estudo.

### **Faculdades Maringá**

A Faculdade Maringá está localizada no centro de Maringá.

Os alunos da faculdade moram em diversos bairros da cidade e também nos municípios vizinhos.

É referência no que tange a formação de jornalistas para o mercado de trabalho e se destaca pelo grande número de prêmios conquistados na área por acadêmicos.

### **O projeto**

Os principais objetivos desse projeto são o de proporcionar a qualquer aluno com deficiência visual a aprendizagem plena por um método inovador, baseado no uso do tato, o resgate da auto-estima e a construção da cidadania.

Segundo definição no dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: “cidadania é a qualidade ou estado do cidadão”, entende-se por cidadão “o indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um estado, ou no desempenho de seus deveres para com este”.

Segundo Paulo Freire, um estudioso que lutava pela democracia na educação e por um modelo de ensino multilateral, onde professor e aluno aprendem juntos, afirma que “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 1996, p.38).

Este processo permite que o aprendizado e a cidadania sejam conquistados, onde professor e aluno lutam por acreditarem que a esperança de que os direitos dos indivíduos devem ser garantidos.

O projeto tem a preocupação em desenvolver materiais e atividades baseadas na linguagem verbal e no tato, por meio de gráficos, desenhos e um modelo de “quebra-cabeças” no qual as peças são os elementos de diagramação de materiais impressos como jornais e revistas.

---

<sup>3</sup> Codem – Conselho de desenvolvimento econômico de Maringá.



As metas a serem alcançadas são o de transmitir o conteúdo das aulas por meio do tato, com desenhos e pela linguagem verbal, onde serão usados recursos pedagógicos artesanais destinados a assuntos específicos, integrar e preparar o aluno para este segmento do mercado de trabalho, tornar a escola um lugar atrativo, facilitar a apreensão do conteúdo a que tem direito e na construção da cidadania.

Com uma educação chamada horizontal por Freire, as atividades são baseadas no contato direto entre professor e aluno. Para alcançar maior resultado, as oficinas são oferecidas fora do horário normal das aulas. Todos os outros alunos são convidados a aprenderem por meio do mesmo método.

Acreditamos que é tarefa das instituições e professores assumir o papel de ensinar, transpondo barreiras físicas, psicológicas e até mesmo políticas.

Não posso negar-lhe ou esconder-lhe minha postura, mas não posso desconhecer o seu direito de rejeitá-la. Em nome do respeito que devo aos alunos não tenho por que me omitir, por que ocultar a política, assumindo uma neutralidade que não existe (FREIRE, 2005, p.71).

Freire (1985, p. 69) já afirmava que “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Sua concepção de educação era exatamente contrária àquela denominada por ele de “educação bancária”, mera transmissão de conteúdos.

Além da instituição e professores, o aluno e responsáveis devem estar integrados no projeto, oferecendo suporte físico e intelectual. O objetivo comum deve ser o de dar acesso ao conhecimento pleno e todos se sentirem integrantes de um fim comum: o da educação.

## **Metodologia**

Na primeira oficina foi apresentado ao aluno um mostruário de papéis disponíveis no mercado. Por meio do tato ele pôde perceber a diferença nas gramaturas, tipos de texturas e os tamanhos ofertados pelas indústrias. Foi explicado o uso de cada tipo de papel e alguns exemplos de materiais prontos, especificando o uso e público alvo. Esse tipo de mostruário de papéis pode ser solicitado às indústrias, sem custo.

Como o objetivo era a diagramação de material impresso, com o uso da cola auto-relevo, os elementos do jornal foram desenhados na página, para que houvesse um



entendimento da distribuição na página, tamanho das fontes e hierarquia das matérias de acordo com a importância. Por esta razão, foi usado nesta parte do processo jornais locais.

As oficinas também pretenderam explicar todas as funções dos elementos (manchete, linha fina, créditos, foto, Box, chapéu, legenda, olho, etc...) no impresso com o objetivo de esclarecer a importância de cada um.

Para ensinar sobre o tamanho das fontes e suas famílias, mais uma vez a cola auto-relevo foi usada. Em folhas de papel sulfite a estrutura de cada família de fontes foi desenhada, em detalhes, para que, por meio do tato, fossem entendidas e percebidas. Serifas, hastes, pé, trave e ápice, desta forma a leitura da forma de uma fonte pode ser compreendida.

Para trabalhar os tipos de impressão industrial, os recursos usados foram: rolos de macarrão, caixas de ovos e papel. Nesta oficina buscou-se simular de modo simples os sistemas diretos e indiretos de impressão, como tipográfico, planográfico, encanográfico, flexográfico e permeográfico.

Cores. Como trabalhar cores com alguém que nunca enxergou? Que o nível da visão é zero? Um grande desafio. Ao estudarmos cores na graduação usamos os termos quente e fria para defini-las. Então porque não usar líquidos quentes, mornos e frios para tentar explicá-las? Definimos essa oficina como uma “bagunça eficaz”. Tons, cores e seus significados foram abordados pelas temperaturas e a mistura do líquido.

Uma diversificada gama de produtos impressos, tanto publicitários quanto jornalísticos foi trabalhada, na tentativa de mostrar a dimensão dos elementos e distribuição no material, de acordo com seus objetivos. A ênfase nesta etapa foi dada para diagramações de revistas e jornais de circulação nacional. Em alguns momentos o uso da cola dimensional foi necessária.

Após conhecer alguns materiais disponíveis, tipos de papéis, formas de impressão, tamanhos e fontes diferentes e entender a importância dos elementos de um jornal impresso e a hierarquia, o próximo passo era a diagramação.

A forma encontrada, ainda vista como hipótese quanto à eficácia, foi recortar papel cartão com gramatura alta simulando manchetes em tamanhos diferentes, tanto em largura, como altura (tamanho fonte). Desta forma, todos os elementos seguiram o mesmo padrão, fotos, legendas, linhas finas, textos, publicidades, etc...





Páginas com número de colunas diferentes foram usadas, sendo usado a cola auto relevo para definir seus espaços. Ao trabalhar número de colunas diferentes, automaticamente, cada material deveria ter seus elementos de acordo com a base (número de colunas). Neste processo usamos o jornal impresso em tamanho standart e tablóide e ainda revistas.

Foram trabalhadas primeiras páginas, páginas internas e centrais.

Para encontrá-los e fazê-los com mais facilidade e até mesmo sozinho, em cada pedaço de papel foi escrito, em letra de forma e cola auto-relevo, o nome do que aquele pedaço se referia, por exemplo, chapéu, publicidade, manchete, foto, Box, infográfico... Enfim, todos os elementos encontrados no impresso. E a base para a montagem foi feita com jornais, onde as colunas são desenhadas com cola dimensional. O uso da tesoura também é essencial para possível adequação dos elementos.

Um dos aspectos positivos deste tipo de trabalho é perceber que a falta de visão se torna um diferencial ao compará-lo com outros alunos. A facilidade de tatear e montar os materiais, torna o aluno mais sensível as formas. Uma dificuldade que resultou em outra sensibilidade. E quando o professor está mais próximo, o aluno tem tempo e espaço para esclarecer suas dúvidas e expor suas necessidades.

Todas essas atividades vão ao encontro das necessidades especiais de um aluno que quer ser um comunicador.

Essa é a peça-chave para uma instituição garantir o direito de ensino e aprendizagem: o compromisso para uma educação que molde no aluno o prazer de aprender e tornar-se um futuro profissional.

Com o andar das oficinas, o educando passou a diagramar sozinho em sala de aula, enquanto os outros alunos diagramavam no computador.

Motivar o aprendente a gostar da disciplina e entender esse universo de palavras e mensagens subliminares é o objeto deste projeto.

Se as instituições tiverem vontade e disponíveis recursos simples, baratos, até mesmo artesanais, é possível tornar a escola um lugar democrático, onde as diferenças se tornam aliadas de um ensino palpável, real e inovador.

Fazer com que o aluno tenha a oportunidade de desenvolver seu talento, fazendo a diagramação de matérias, ter o prazer de saber o resultado final da sua obra servirá de estímulo para continuar, a buscar novos desafios e de a cada dia, se tornar ainda melhor e, tendo mais uma perspectiva de futuro.



### **Considerações finais**

São visíveis os resultados obtidos pelo projeto na instituição. O aluno que não tinha noção de cores, de elementos de um material impresso, dos sistemas de impressão e das diferenças de fontes, hoje é um dos melhores diagramadores da turma, com uma sensibilidade que se ressaltava em relação aos outros.

Antes, a instituição e professores não tinham tido a experiência de trabalhar com um aluno com deficiência visual num curso de comunicação social. Alguns sentiram a necessidade de buscar novas ferramentas para que haja uma plena responsabilidade e aprendizagem.

A escola deve ser um reflexo da sociedade.

É necessário repensar as práticas e teorias pedagógicas para que aconteça de fato a inserção de jovens especiais nos bancos das instituições, seja do ensino básico ao superior.

Freire (1996, p.39) afirma que “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Desta forma, todos nós, a sociedade no todo, vai se preparando para a verdadeira vida em comunidade, de inclusão social.

Porque ensinar, concordando com o livro *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire, exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes do educando, criticidade, ética, aceitação, rejeição a qualquer forma de discriminação, senso crítico, bom senso, humildade, tolerância, apreensão da realidade, alegria, esperança, convicção de que a mudança é possível, generosidade, comprometimento, liberdade, saber escutar, diálogo e querer bem aos educandos.



## Referências

BRANDÃO, Carlos R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3 ed., 1981.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

LOPES, Rosana Pereira. **Um novo professor: novas funções e novas metáforas**. In: ASSMANN, Hugo (org.). *Redes digitais e metamorfose do aprender*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é cidadania**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

OLIVEIRA, Aline Barbosa de. **Ser humano ampliado: nova sociedade a partir do desenvolvimento tecnológico**. *Rastros/ Revista do núcleo de estudos em comunicação*. Ano 10 n12 2009. Joinville: Bom Jesus /IELUSC, 1999.

PERUZZO, Cicília M.K. . **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. In: *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*. São Leopoldo. RS. v. 3, n. 1, p. 111-128, set. 2001.